

A INFORMAÇÃO ORGÂNICA ENQUANTO UM OBJETO INTERDISCIPLINAR: AS RELAÇÕES ENTRE A ARQUIVÍSTICA E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO ÂMBITO DA REPRESENTAÇÃO EM ARQUIVOS

Thiago Henrique Bragato Barros

Professor na Universidade Federal do Pará no curso de Arquivologia

Wanessa Rodrigues Martins

Graduanda na Universidade Federal do Pará no curso de Arquivologia

Resumo: Considera-se a Arquivística uma disciplina que possui características interdisciplinares, especialmente relacionadas à Ciência da Informação na conjuntura brasileira. Nesse sentido, visa-se por meio deste artigo trabalhar com o conceito de informação orgânica enquanto objeto da Arquivística bem como da Ciência da Informação. A seguir constrói-se um paralelo entre a representação para a Arquivística e para a Ciência da Informação. A ciência da Informação oferece aporte epistemológico-metodológico à Arquivística, capazes de torná-la, efetivamente, uma disciplina científica. A Arquivística, por sua vez, lhe concede instrumentos técnicos para o tratamento documental e um universo privilegiado de atuação. Portanto, considera-se esta pesquisa como teórica e documental que analisa a literatura de ambas as áreas no contexto brasileiro. Metodologicamente, utiliza-se da análise de conteúdo como forma de abordagem ao tema. Objetiva-se, por meio dessa revisão de literatura e desse paralelo construído por meio de quadros comparativos, compreender os pontos de contato entre a representação para a Arquivística e Ciência da Informação. Visa-se contribuir teórico-metodologicamente para a construção interdisciplinar efetiva entre a Ciência da Informação e Arquivística no âmbito da representação e do tratamento documental.

Palavras-Chave: Arquivística. Ciência da Informação. Representação em Arquivos. Informação Orgânica.



1 INTRODUÇÃO

A interdisciplinaridade é uma característica constituinte da Ciência da Informação, primeiramente, pela contribuição de profissionais de diversas áreas do conhecimento, dentre os quais se destacam bibliotecários, linguistas, matemáticos, administradores, cientistas da computação dentre outros.

Essas contribuições foram motivadas por problemas relacionados à recuperação, uso e acesso à informação, instigando os profissionais acima mencionados, nas primeiras décadas do século XX, a publicarem trabalhos visando estudar e otimizar a guarda das informações registradas.

A Ciência da Informação tendo como objeto, a informação registrada e institucionalizada, busca analisar os processos relacionados ao registro, institucionalização e socialização por quais essa perpassa.

A Arquivística, por sua vez, ainda que, institucionalizada e reconhecida como disciplina nas últimas décadas do século XIX, pouco tempo antes de surgir a CI ainda era compreendida como uma disciplina auxiliar da história e seu objeto restringia-se a documentos desse cunho.

Todavia passou, em seu percurso teórico e prático, por mudanças e rupturas extremamente determinantes à sua formação, destacando-se seu objeto de estudo e o próprio arquivista. A exemplo da visão norte americana, cunhada por Schellenberg que em meados dos anos 50, separa e distingue os profissionais dos arquivos correntes e intermediários denominando-os *record manager*¹, dos que trabalham em arquivos permanentes, o *archivist*, conforme evidencia Tognoli e Guimarães (2011).

Essa corrente regeia as ações arquivísticas e seus respectivos profissionais na América do Norte até inícios dos anos 80, quando surge a Arquivística Integrada estabelecida por Couture, Ducharme e Rousseau (1988), com o objetivo de unificar

¹ No Brasil usa-se Gestor de Documentos.

a profissão e promover o pleno conhecimento teórico e técnico desempenhado nos arquivos.

A Arquivística Integrada traria em seu escopo a análise do que seria a informação orgânica passando a designá-la como seu objeto, em substituição do termo documento de arquivo.

Desse modo, para uma melhor compreensão da totalidade e contexto da interdisciplinaridade da informação orgânica, busca-se inicialmente definir o que seja interdisciplinaridade no âmbito científico e suas respectivas facetas. Posterior e separadamente analisa-se a informação do ponto de vista da Ciência da Informação e da Arquivística, destacando suas especificidades e por fim constrói-se um paralelo entre a representação para Arquivística e para Ciência da Informação. Tal ação visa contribuir para uma sistematização teórico-metodológica da representação no universo da Arquivística.

Destaca-se também, que este artigo se encontra alinhado com a tradição de pesquisa do Grupo de Pesquisa Representação em Arquivos e Bibliotecas (RAB), da Universidade Federal do Pará.

2 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, SEU OBJETO E A INTERDISCIPLINARIDADE

A interdisciplinaridade é parte constituinte das ciências após o século XX, Tadoni (1960, p. 13-14) afirma que:

a configuração de uma ciência depende do cumprimento de alguns requisitos, quais sejam: a) Ter um campo específico de observação, um objeto; b) Tal objeto deve ser investigado com um fim determinado: procurar o conhecimento pelas causas ou estabelecer leis universais, ou investigar uma verdade; c) Para atingir seu objetivo, toda ciência deve ter um método próprio.

Os objetos científicos cada vez mais complexos levaram a criação das inter-relações entre as disciplinas como a Biomedicina,

Geofísica, Matemática Computacional, Neurolinguística, Sociolinguística, ou seja, áreas que estabelecem interconexões.

Nesse sentido, compreende-se a informação como objeto da Ciência da Informação e suas áreas de atuação, a saber: Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. Recebendo em cada uma dessas suas especificidades e características. Para tanto, faz-se necessário uma breve análise ao que seja, em ciência, uma disciplina e em qual é possível estabelecer relações com outras instâncias do saber.

As relações que ocorrem entre as disciplinas se dão em diversos níveis, a possibilidade de elencar e definir essas interações são reflexos de movimentos que surgiram com o intuito de explicar as fragmentações e especificações que o conhecimento científico adquiriu a partir das revoluções de cunho industrial, tecnológicas e mais recentemente informacional, ocorridas entre os séculos XIX, ao XXI respectivamente. Pode-se definir disciplina, segundo Gagnon-Arguin (1992, p. 179-180, tradução nossa), da seguinte maneira:

A disciplina repousa sobre uma estrutura cognitiva composta de um corpo científico, de princípios e métodos de trabalho, assim como de uma autonomia para se relacionar com os domínios de atividade que lhe são conexos. Ela possui, assim, uma estrutura social na qual se inscrevem os programas de formação oferecidos a diferentes níveis e em estabelecimentos reconhecidos. Ela supõe a presença de professores e estudantes, de programas de pesquisa e de lugares de trocas científicas. Os elementos exteriores necessários ao seu desenvolvimento são os postos disponíveis aos professores ou aos pesquisadores do domínio ou os postos no meio social, o aparelho de legitimação e o grau de utilização social do saber.

O termo disciplina, portanto, é originário das especializações científicas, como já dito. Uma disciplina, tradicionalmente, possui um objeto ao qual se detém a estudar, um olhar, isto é, uma maneira própria de enxergar seu material de domínio, e uma metodologia a partir da qual analisa

sistematicamente os fenômenos que ocorrem em seu objeto de estudo.

No relacionamento entre disciplinas é onde ocorre a flexão sofrida pela palavra disciplina, a qual lhe irá atribuir uma nova perspectiva semântica de acordo com o contexto em que estiver inserida.

Para o âmbito desta pesquisa, compreende-se que o estudo de um mesmo objeto, a saber, a informação, e o modo com o qual essas duas disciplinas estabelecem para representá-lo, sejam esse a análise e a descrição, demonstram similaridade e reciprocidade visíveis na condensação, síntese, interpretação e na linguagem documentária usados para indexar e descrever informações.

A interdisciplinaridade pressupõe uma inter-relação de reciprocidade. Há não apenas a absorção do conhecimento que se precisa, mas um retorno à área, da qual a disciplina consultada pertence, seja no âmbito teórico e/ou instrumental. Essa concepção, segundo Olga Pombo (2005), desconstrói o arcaico pensamento de que as simples trocas de “ideias”, as mesas-redondas, e os eventos que levam o nome “interdisciplinaridade”, expressem e/ou reflitam interdisciplinaridade.

Ainda em Pombo (2005) no âmbito do conhecimento científico, a terminologia, isto é, a nomeação das coisas se dá com a especialização. No entanto, como a mesma destaca, ocorre que, a popularização de um conceito é que o faz tornar-se banal e vazio.

A interdisciplinaridade por relacionar-se a uma diversidade de áreas do conhecimento acaba por tornar-se comum.

Destaca-se nesse contexto que a especialização da ciência é fator crucial para as relações interdisciplinares. É por meio dessa flexibilidade e abertura para a cooperação interdisciplinar que a ciência se solidifica e constrói novos conhecimentos.

Tornando o conhecimento de grande parte do que existe possível a partir da investigação criteriosa dos detalhes contidos nas ínfimas partes. Esse entendimento é realista e expressa que não se trata do simples querer, mas de uma necessidade iminente.

A Ciência da Informação além de sua natureza interdisciplinar caracteriza-se por sua ligação com a tecnologia da

informação, pois a massificação dos aparatos tecnológicos permitiu denominar a atual sociedade de informacional, era da informação e/ou também de pós-industrial.

Parafraseando Borko (1968), a Ciência da Informação, em essência, não possui um objeto materialmente definido, antes, destina-se a estudar/investigar as propriedades e o comportamento da informação, o uso e a transmissão da informação, e o processamento da informação, visando o armazenamento e uma recuperação eficazes dessa.

Fator essencial capaz de proporcionar plena elucidação ao que seja interdisciplinaridade e como se estabelecem as disciplinas, é a capacidade de enunciar problemas e apresentar soluções.

Saracevic (1996) aponta que as disciplinas científicas se orientam a partir de seus respectivos problemas, e que esses problemas as guiam em seu desenvolvimento teórico e prático. Todavia, nem sempre as respostas serão encontradas em si mesmas. Em relação a problemas informacionais expressam considerável complexidade como a comunicação humana, o conhecimento, os registros e a organização do conhecimento, a informação e a necessidade dessas, os usos da informação, o contexto social, o contexto institucional, o contexto individual e a tecnologia da informação.

Para se adentrar no conceito de informação, verifica-se que, segundo o senso comum, informação vem a ser a absorção de quaisquer conhecimentos, oriundos dos mais variados meios informativos e obtidos por vezes involuntariamente. Todavia, no âmbito da Ciência da Informação, a informação caracteriza-se por seu aspecto intencional de adquirir e transformar conhecimentos, ou seja, suas relações sociais e institucionais.

Portanto, compreendermos o conceito de informação, de acordo com a Ciência da Informação, Buckland (1991, p. 1), apresenta sua definição, em três fases/partes, a saber: Informação-como-processo “quando alguém é informado, aquilo de que conhece é modificado. Nesse sentido, ‘informação’ é o ato de informar [...]”. Informação, nesse contexto, envolve a comunicação, está atrelada a ação de falar, e ocorre durante o

percurso desse processo. Informação-como-conhecimento é o resultado que se obteve na informação-como-processo, consiste na inferência da informação comunicada. Informação-como-coisa consiste no objeto por meio do qual se pode registrar e obter informação.

Para o que se pretende, neste texto e para as disciplinas que englobam a Ciência da Informação, especificamente Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, interessa o conceito de informação-como-coisa, aquela que dantes recebera materialização. Essa, portanto, é provida de registro, foi institucionalizada, pois foi produzida no seio de uma organização, expressa uma atividade dessa, e semelhantemente socializada, isto é, tornou-se passível de acesso e pode ser conhecida pela sociedade em geral, seguindo, evidentemente, os parâmetros legais que a regem.

A informação-como-coisa, portanto, representa um objeto tangível, um conhecimento instrumentalizado/registrado, a exemplo dos documentos que são portadores físicos de informação, dos livros e dos objetos que contam algo a respeito da história, cultura ou de um fato, como os encontrados nos museus e centros de documentação etc.

3 A INFORMAÇÃO ORGÂNICA

A designação do termo informação, como objeto de estudo e atuação da Arquivística, é recente, para ser apropriado pela disciplina é necessário o conceito de informação passar por uma reconfiguração e ampliação conceitual. O objeto da Ciência da Informação, como destacam autores da autodenominada neodocumentação, dentre eles M. Buckland, R. W. Rayward, dentre outros, destacam que o objeto da Ciência da Informação é além da informação registrada, é aquela que é institucionalizada e socializada como foi destacado acima (BARROS, 2013).

Por esse viés é que se percebem relações possíveis entre a Ciência da Informação e Arquivística, uma vez que a segunda, tem em sua informação características bastante peculiares em relação àquela situação na qual a Ciência da Informação originou-se, que

tratou fundamentalmente da informação científica, da organização do conhecimento e da classificação do mesmo.

Essas características presentes na informação orgânica só estão presentes nelas justamente pela função que cumprem na sociedade. Informação orgânica estabelece um direito, comprova ou testemunha uma determinada ação jurídica, administrativa, ou seja, um tipo de informação que é profundamente regulada e controlada por *instâncias sociais* e *institucionais* (BARROS, 2013).

Assim, compreender o documento de arquivo – a informação orgânica – aproxima a CI da Arquivística em uma relação interdisciplinar plena.

Esse deslocamento de território para a informação orgânica em comparação ao conceito tradicional de documento de arquivo sinaliza que está se falando de *outra* concepção visando dar cabo de todos os processos de tratamento recentes desenvolvidos no âmbito da Arquivística, a macroavaliação, a gestão de documentos em ambientes digitais, a representação em arquivos etc.

Evidentemente que assim como apontado por Foucault em Arquivologia do Saber, mudanças de terreno, ressignificações conceituais levam a conflitos de poder no âmbito do saber e a “conflitos” por conta disso.

Nesse sentido, não se pode naturalizar tal processo que se encontra apenas do início. Essa acepção, ainda que recente, surge de uma abordagem proveniente de uma perspectiva integrada da Arquivística que estabelece a unificação da profissão (*record manager* e *archivist*) bem como do ciclo documental cunhado em meados de 1950 pelo teórico e arquivista Schellenberg e da aproximação no cenário brasileiro da Arquivística com a Ciência da Informação.

Entende-se então, a Arquivística como o estudo e a organização do que se chama *informação orgânica*, apresentados ainda que de forma não aprofundada, por Rousseau e Couture na década de 1990. A distinção entre ambas ocorre em relação à missão institucional. Os autores descrevem:

Qualquer organismo comanda um certo número de funções directa ou indirectamente ligadas à sua missão. As que se ligam de forma directa à missão dizem respeito inevitavelmente à produção ou à distribuição de bens e serviços. Permitem ao organismo satisfazer as exigências primordiais da sua existência. As funções ligadas indirectamente à missão vêm apoiar as actividades de produção ou de distribuição. (ROSSEAU; COUTURE, 1998, p. 63)

Quanto ao uso da informação produzida no âmbito dessas atividades, acima destacadas, “pode ser ou orgânica, isto é, elaborada, enviada ou recebida no âmbito da sua missão, ou não orgânica, isto é, produzida fora do âmbito desta” (ROSSEAU; COUTURE, 1998, p. 64). Diante do exposto, a informação orgânica para Arquivística é aquela resultante da sua função finalística, no cumprimento de sua missão institucional.

O abarcamento em relação à informação, feito por autores como Rousseau e Couture (1998), Smith (1999-2000), Tognoli e Guimarães (2011), dentre outros, dá-se em virtude de tornar evidente a clara relação interdisciplinar existente nas disciplinas da Ciência da Informação. Em que, cada uma, a seu modo estabelece métodos para organizar, gerir, representar e disponibilizar.

A abordagem dos pontos de contatos e semelhanças existentes entre Arquivística e Ciência da Informação, conforme delimitamos, só será possível, de acordo Smith (1999-2000, p. 3), “[...] se analisada de um ponto de vista diacrônico no qual a ênfase no documento é substituída pela ênfase da informação”.

Sua visão pressupõe uma mudança de território do termo documento para informação. No entanto, não se confunde com substituição, uma vez que “[...] documento e informação contêm as duas faces da mesma moeda [...]” (SMIT, 1999-2000, p. 3). Isto explica que embora se entenda que a informação possa estar representada de múltiplas formas, na Arquivística limita-se ao documento, entendendo esse como o suporte munido de informação, de significado, seja em meio eletrônico, físico e/ou digital, portanto, coexistindo informação-documento.

4 A REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A representação da informação indica a evidência de uma informação. E toda atividade de representar só é passível de execução no estado da informação-como-coisa. A Ciência da Informação e Arquivística apoiam-se nos recursos de síntese e resumo da informação para representá-las. Transformam bibliotecas e extensos arquivos em curtas e sucintas narrações de seus respectivos acervos, evidentemente, não objetivam transcrever na totalidade as informações, antes facilitar o uso e acesso à informação.

Para tanto Ciência da Informação e Arquivística utilizam respectivamente da Análise Documentária e Descrição Arquivística. Seguidamente discorre-se sobre os aspectos inerentes a essas modalidades de representação.

O aspecto referente ao tratamento/organização é chamado de Análise Documentária, conforme Guimarães (2003). A análise busca compreender o documento fazendo divisões em seus respectivos elementos constituintes, de modo a inferir com profundidade seu todo. Pode-se conceituar análise documentária, conforme Gardin da seguinte maneira:

Toda operação ou grupo de operações que buscam a representação de um documento sob uma forma distinta da original, seja por tradução, resumo ou a indexação, de modo a facilitar a recuperação por especialistas interessados. (GARDIM *et alli*, 1981, p. 29, *apud*, GUIMARÃES, 2003, p. 101)

Ainda para esclarecer, Pinto e Galvez (1996, p. 31, *apud*, GUIMARÃES, 2003, p. 102) são bem sucintos e objetivos ao enunciar que a análise documentária é o “processo duplo de identificação e representação do texto”.

Processos como identificação, extração e representação da informação, estão visivelmente expressos nas citadas definições. A análise documentária requer do analista (bibliotecário/documentalista/arquivista) que ele detenha uma boa base de conhecimento acerca de Linguística.

A análise documentária pode ser feita de maneira *formal* ou com base no *conteúdo*. A primeira centra-se em aspectos externos ao documento, visa estabelecer parâmetros facilitadores de sua identificação e, portanto, localização a exemplo dos catálogos que visam dar conhecimento referente à composição do acervo/fundo. Aspecto esse que desponta para a natureza descritiva da análise sendo expresso nos instrumentos de pesquisa.

A segunda, também denominada de tratamento temático da informação, ocupa-se da condensação e da linguagem documental descritiva, por meio dos quais produzirá índices, isto é, lista de termos semânticos, destinados à recuperação e seleção das informações (GUIMARÃES, 2003).

A análise documentária, em suma, é interpretada como uma fase intermediária no ciclo informacional, que tem como objetivo estabelecer uma relação de diálogo entre produtor e consumidor da informação, favorecer a difusão da informação e a produção de instrumentos de pesquisa documentais.

A descrição arquivística, por sua vez, juntamente com a avaliação e classificação, são funções cruciais para a organização dos arquivos. Tratam-se das principais metodologias de difusão e acesso à informação, em que consiste a Representação em Arquivos. Para garantir o acesso às informações contidas nos documentos de arquivo (transformar informação em conhecimento), utiliza-se da elaboração de instrumentos de pesquisa, os quais tornam possível sua fundamental função, representar para localizar e proporcionar o acesso aos documentos.

Assim sendo, a Descrição visa explicar os documentos e serve para tornar possível a compreensão do acervo/fundo arquivístico, de sua origem, do seu contexto e proveniência, de seu método de arquivamento, de sua forma e conteúdo, da relação orgânica com outros documentos.

Relacionando às outras atividades arquivísticas, descrição assim como a classificação\arranjo foram as primeiras funções a serem conceituadas na teoria arquivística, portanto, o século XIX marca o início da atividade Descritiva Arquivística. Nessa época descrever consistia básica e estritamente no significado do termo

describere, isto é, em transcrever o conteúdo dos documentos (copiá-los) e também traduzi-los.

Todavia, mudanças sociais trouxeram à descrição novos significados, como a de se tornar um elo entre o arquivista e a sociedade interessada em ter acesso à sua história.

A atividade de descrever além de proporcionar acesso, garantiria a preservação dos documentos. O arquivista para desenvolver as atividades de descrição fazia uso de conhecimentos oriundos, basicamente, de duas áreas correlatas do conhecimento, a paleografia e a diplomática, as quais o auxiliavam na leitura e transcrição dos documentos. Descrever significava representar, identificar e organizar, após esses procedimentos registrava-se as informações em instrumentos de pesquisa.

No contexto Revolução Francesa, aos arquivos eram compreendidos como tesouros, como forma de controle, manutenção e legitimação de poder, como acontecia nas Monarquias Absolutistas. A compilação e preservação feitas nesse período serviriam para garantir a “memória perpétua”, isto é, como provas autênticas e permanentes de ações passadas. Descrição e arranjo, nesse período, sofreram consideráveis mudanças devido ao desenvolvimento da história científica e ao aumento de uso dos arquivos para fins culturais e de pesquisa.

Paralelamente à Revolução francesa ocorre, também, a criação no Arquivo Nacional Francês e das Escolas Diplomáticas. A partir daí, aqueles documentos tidos como objeto de poder, passam a servir para pesquisa histórica. No entanto, a classificação feita por assunto, acarretou em perdas quanto ao contexto de produção, os desmembramentos de fundos, e a união de peças documentais às outras com as quais não havia a menor relação.

Nesse momento, as escolas diplomáticas passaram a buscar estabelecer parâmetros que auxiliassem na organização dos documentos. Originando-se o *conceito de fundo*. No entanto, percebeu-se a impossibilidade de rearranjar fisicamente os documentos, sendo a descrição usada como um meio de mostrar a ordem original dos documentos. Esse trabalho era representado por meio de listas de localização e índices (LEÃO, 2006).

A partir do século XX, pensou-se que, quando novos documentos passassem a ser transferidos aos arquivos, segundo os princípios de respeito aos fundos e à ordem original, a descrição serviria, novamente, apenas para a elaboração de instrumentos de pesquisa. Mas não foi o que houve, e isso por dois motivos: os arquivistas passaram a lidar com fundos abertos e volumosos e o público em geral, ao invés de somente o criador e alguns acadêmicos terem acesso, também começou a fazer uso do material arquivístico. O que proporcionou um significativo desenvolvimento no conceito de descrição, atribuindo-lhe maior importância.

Na década de 1980, as atividades de descrição e arranjo, passam a ser associadas começando então um processo de representação. Agregando à descrição características de uma atividade não apenas de controle, mas de acesso. Quando trabalhos em prol da normalização começarão a surgir. Atribuindo, desse modo, mais parâmetros à Arquivística, conforme ressalta Barros (2014, p. 182):

A descrição é uma função fundamental para a metodologia de tratamento dos arquivos. Não à toa, em sua perspectiva moderna, essa será a primeira função a ser normalizada. A normalização da descrição significa, em uma perspectiva do discurso positivo, um passo à frente rumo a sua cientificidade e à caracterização da Arquivística enquanto uma disciplina do saber.

Os processos de produção e gestão de documentos arquivístico irão, a partir dos anos de 1990, tomar o palco central no que se refere às funções arquivísticas, e a classificação, que já era chave na metodologia de tratamento dos arquivos torna-se ainda mais importante.

Nessa perspectiva, a Arquivística, assim como a Ciência da Informação, irá desenvolver uma série de normas para as funções arquivística, as normas ISO/TR 15489 e correlatas para a classificação e gestão documental e as normas de descrição

arquivística ISAD(G) 1999, ISAAR (CPF) 2003, ISDIAH 2008, ISDF 2007 e a NOBRADE 2006.

Portanto, percebe-se que existe uma relação interdisciplinar profunda entre a Ciência da Informação e a Arquivística, pois esta disponibiliza àqueles instrumentos norteadores para controle, organização e representação da informação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo procurou evidenciar a relação interdisciplinar existente entre a Arquivística e a Ciência da Informação, entendendo que a efetivação dessa disciplina passa por ligações com outras áreas do conhecimento. É sob esse aspecto interdisciplinar que a Arquivística se consolida e conquista seu espaço como disciplina científica. Dessa forma, a realidade da Arquivística precisa de contribuições e investigações teórico/práticas interdisciplinares que lhe sejam basilares quer seja pragmática e/ou epistemologicamente.

A informação orgânica enquanto objeto da Arquivística encontra na teoria da Ciência da Informação, uma consistência que na Arquivística está em fase de consolidação, de aprimoramento e até certo ponto de aceitação e consenso teórico. Tornar constante o mútuo compartilhamento de teorias e práticas atribuídas a seu objeto não só é reflexo de interdisciplinaridade como também de suas grandezas e reafirmações enquanto campos científicos.

É a partir dessas ações de “trocas e devoluções” que se pode propor, inferir e estabelecer que, de fato, há uma estrita relação entre a Arquivística e a Ciência da Informação, destacando que a Arquivística, com sua gama de instrumentos proporciona à Ciência da Informação as técnicas de domínio organizacional e trato documental.

Por fim, alguns conceitos estão nessa relação entre a Arquivística e a Ciência da Informação, como as categorias representação e informação, logo, buscou analisar os conteúdos, o campo de atuação e pontos de encontro entre essas.

Sinalizando no horizonte teórico da Arquivística que é possível, no âmbito da representação e organização da informação, uma relação interdisciplinar real e fundamental com a Ciência da Informação, mais do que uma simples subserviência institucional da Arquivística a Ciência da Informação.

Trabalhos desse caráter são fundamentais para o crescimento teórico-conceitual da Arquivística e devem cada vez mais tomar espaço não só no âmbito científico, mas também disciplinar e no ensino. Respeitadas as especificidades, a disciplina só tem a ganhar com trabalhos dessa natureza.

REFERÊNCIAS

BARROS, Thiago Henrique Bragato. **A representação da informação Arquivística: Uma Análise do discurso teórico e institucional a partir dos contextos Espanhol, Canadense e Brasileiro.** 2014. 222f. (Tese de Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, 2014.

BARROS, Thiago Henrique Bragato; MORAES, J. B. E. Arquivística, História e Ciência da Informação: diálogos e duelos. *In: CETAC.MEDIA; UNIVERSIDAD DE LEÓN.* (Org.). **Globalização, Ciência e Informação.** 1ª ed. Porto: Editora da Universidade do Porto, 2013, v. 1, p. 168-180.

BORKO, H. Information Science: **What is it?** American Documentation, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. *Journal of the American Society for Information Science (JASIS)*, v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991. Tradução livre de Luciane Artêncio.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. **ISAAR (CPF):** norma internacional de registro de autoridade arquivística

para entidades coletivas, pessoas e famílias: segunda edição, adotada pelo Comitê de Normas de Descrição, Canberra, Austrália, 27-30 de outubro de 2003, versão final aprovada pelo CIA. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004. 99 p. (Publicações Técnicas, 50).

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. **ISAD (G)**: norma geral internacional de descrição arquivística: segunda edição, adotada pelo Comitê de Normas de Descrição, Estocolmo, Suécia, 19-22 de setembro de 1999, versão final aprovada pelo CIA. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001. 119 p. (Publicações Técnicas, 49).

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. **ISDF**: norma internacional para descrição de funções. Tradução de Vítor Manoel Marques da Fonseca. 1. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008. 76 p. (Publicações Técnicas, 52).

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. **ISDIAH**: norma internacional para descrição de instituições com acervo arquivístico. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009. 88 p. (Publicações Técnicas, 54).

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006. 124 p.

COUTURE, C.; DUCHARME, J.; ROUSSEAU, J. L'archivistique a-t-elle trouvé son identité? **Argus**, vol. 17, n. 02, 1988, p. 51-60

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. 15489-1 Information and documentation: records management, 2001

GAGNON-ARGUIN, Louise. **L'Archivistique**: son histoire, ses acteurs depuis 1960. Québec: Press Universitaires du Québec, 1992.

GUIMARÃES, J. A. C. A análise documentária no âmbito do tratamento da informação: elementos históricos e conceituais. *In*: RODRIGUES, G. M.; LOPES, I. L. (Org.) **Organização e representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2003. p. 100-117.

LEÃO, Flávia Carneiro. **A representação da informação arquivística permanente: a normalização descritiva e a ISAD(G)**. 2006. 87f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, SP, 2006.

POMBO, O. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em Revista**, v. 1, n. 1, mar. 2005.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Varona – Salamanca: Publicações Dom Quixote, 1998.

SARACEVIC, T. **Ciência da informação: origem, evolução e relações**. Perspectivas em Ciência da informação. *Inf.*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun.1996.

SCHELLENBERG, T. R. *Arquivos Modernos: princípios e técnicas*. Tradução Nilza Teixeira Soares. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SMITH, J. W. Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia: o que agrega estas atividades profissionais e o que as separa?. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários/FEBAB, Nova Série, v. 1, n 27-36, 1999-2000.

TADONI, A. **El concepto de Archivología**. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 1960.

TOGNOLI, N.; GUIMARÃES, J. A. C. A organização do conhecimento arquivístico: perspectivas de renovação a partir das abordagens científicas canadenses. **Perspectivas em Ciência da informação**, v. 16, n. 1, p. 21-44, jan./mar. 2011.

**ORGANIC INFORMATION AS AN INTERDISCIPLINARY OBJECT:
RELATION BETWEEN ARCHIVAL AND INFORMATION SCIENCE
WITHIN THE ARCHIVAL REPRESENTATION CONTEXTS.**

Abstract: It is considered the Archival Science as a discipline that has interdisciplinary characteristics, particularly related to the Information Science in the Brazilian context. In this sense, the aim in this article is to work with the concept of organic information as an object of Archival and Information Science. We build a parallel between Representations for both fields. The Information Science offers an epistemological and methodological support to the Archival Science, able to make it effectively a scientific discipline in some sense. The Archival Science, in turn, gives its technical tools for the control, preservation and access to information and a privileged universe for application of the developed theories. Therefore, we consider this research as theoretical and documentary that examines the literature of both areas in the Brazilian context. Methodologically, it uses the content analysis as a way to approach the subject. The objective is through this literature review and this parallel built through comparative tables to understand the points of contact between the representation for Archival and Information Science. The aim is to contribute theoretically and methodologically for effective interdisciplinary construction between Information Science and Archival under the representation and documentary treatment.

Keywords: Archival Science; Information Science; Organic Information; Archival Representation.

Originalis recebidos em: 10/06/2015

Aceito para publicação em: 07/07/2015

Publicado em: 20/10/2015